

ESGUITAGE

guatá - cultura em movimento

THE MOVIMENTO

olhos

Angel Cristhofer Silva
Áurea Cunha
Daniel Wenlemann
Denise Paro
Dieguito
Eliandro Avancini
Giane Lessa
Gimena Machado
Jéssica Lima
Marcos Labanca
Marianella Custodio
Rogério Silva

palavra

Adriana Biberg Alejandra Otero Espina **Alexandre Bogler** Amanda Andreacci Bárbara Ramirez Barua Carlos Luz Daniele Stillitani **Daryanne Cintra** Denise de Camargo Denise Paro Equipe 2 **Izabel Campana** Lisete barbosa Lívia Anselmo Maria Fioratto Mirian Mayumi Takahashi Patricia Pipero Silvio Campana



De 30 de agosto a 08 de setembro de 2013 Praça das Nações - Foz do Iguaçu, Pr.

Realização: Prefeitura de Foz do Iguaçu (Fundação Cultural e Secretaria Municipal de Educação). Apoio: Itaipu Binacional, Biblioteca Pública do Paraná, Secretaria Municipal de Turismo, Núcleo de Livrarias, PTI, Unila, Unifoz, Uniamérica, Cesufoz, UDC, Ceaec, Colégio Bertoni e Colégio Estadual Bartolomeu Mitre.

Presenteie com inteligência. Dê livros da Travessa.



Fone: (41) 3079-9997

Faça seu pedido pela nossa loja virtual: www.travessadoseditores.com.br

TRAVESSA DOS EDITORES

Av. Desembargador Hugo Simas, nº 1570 - CEP 80520-250 - Curitiba - Paraná

tirandodeletra



O Poeta da Roça

Sou fio das mata, cantô da mão grosa Trabaio na roça, de inverno e de estio A minha chupana é tapada de barro Só fumo cigarro de paia de mio.

Sou poeta das brenha, não faço o papé De argum menestrê, ou errante cantô Que veve vagando, com sua viola, Cantando, pachola, à percura de amô.

Não tenho sabença, pois nunca estudei, Apenas eu seio o meu nome assiná. Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre, E o fio do pobre não pode estudá.

Meu verso rastero, singelo e sem graça, Não entra na praça, no rico salão, Meu verso só entra no campo da roça e dos eito E às vezes, recordando feliz mocidade, Canto uma sodade que mora em meu peito.

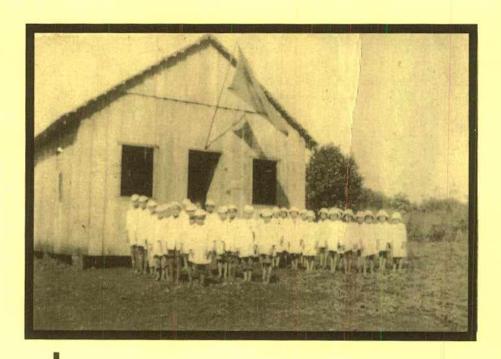
patativa do assaré

Patativa do Assaré, poeta brasileiro, nasceu Antonio Gonçalves da Silva em Assaré, Ceará. Viveu de 5 de março de 1909 a 8 de julho de 2002



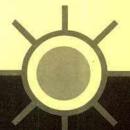
souro





memória

1947, em Foz do Iguaçu: Alunos da Escola Municipal do Rincão São Francisco (região atual do bairro Morumbi) posam para foto atribuída a **Daniel Wenlemann**.



03 - Tirando de Letra - Patativa do Assaré

04 - OLHOS - Daniel Wenlemann

06 - OLHOS - Eliandro Avancini

07 - A caixinha de cores e sonhos - Daryanne Cintra

08 - Você já descobriu a América? - Denise Paro

10 - OLHOS - Jéssica Lima e Angel Cristhoper Silva

11 - Epidemia de Poesia - Daniele Stillitani

12 - OLHOS - Áurea Cunha

13 - Epidemia de Poesia - Lívia Anselmo

14 - Ensaios de fuga - Maria Fiorato

16 - OLHOS - Marianella Custodio

18 - OLHOS - Giane Lessa

19 - Epidemia de Poesia - Alejandra Espina

20 - OLHOS - Gimena Machado

21 - Letra Escarlate - Izabel Campana

22 - OLHOS - Marcos Labanca

23 - Sociedade Ascensorista - Equipe 2

24 - Caixinha de música - Patricia Pipero

26 - Olhos & Palavras

- Adriana Biberg, Alexandre Bogler, Bárbara Barua, Lisete Barbosa

28 - Olhos & Palavras

 Amanda Andreacci, Carlos Luz, Mirian Takahashi, Rogério Silva

Escrita é uma publicação da Associação Guatá - Cultura em Movimento, entidade de finalidade artístico cultural, sediada em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da entidade.

Conselho editorial: Carlos Luz, Maria Benedita, Paulo Bogler, Richard de Souza e Silvio Campana Editor: Silvio Campana - Mtb 20572 - 3023/11131.

Revisão: Carmen dos Santos - Foto da Capa: Áurca Cunha Projeto Gráfico: Silvio Campana

Colaboram nesta edição:

Adriana Biberg, Alejandra Otero Espina, Alexandre Bogler, Amanda Andreacci, Angel Cristhofer Silva, Áurca Cunha, Bárbara Ramirez Barua, Carlos Luz, Daniel Wenlemann, Daniele Stillitani, Daryanne Cintra, Denise de Camargo, Denise Paro, Dieguito, Eliandro Avancini, Equipe 2, Giane Lessa, Gimena Machado, Izabel Campana, Jéssica Lima, Lisete Barbosa, Lívia Anselmo, Marcos Labanca, Maria Fiorato, Marianella Custodio, Mirian Mayumi Takahashi, Patricia Pipero e Rogério Silva.

Fotolitos e impressão: Gráfica Ideal. Tiragem: 2 mil exemplares



escrita 29



Bailado', fotografia de Áurea Cunha. é a capa da Escrita 29



Visite-nos: www.guata.com.br

> twitter: guata_cultura

facebook: guata cultura em movimento

> Contate-nos: guata@guata.com.br

E a nossa vontade de juntar na Escrita as palavras, as imagens e a magia daqueles que queiram se expressar continua.

Nesta revista 29, temos a participação de muita gente que estréia no convívio editorial da Guatá.

Desde Montevidéu, por exemplo, recebemos os olhos críticos de Marinella Custodio, que em três fotografias tenta nos lembrar da vida

que há nas ruas, à margem do que se convenciona geralmente como «normalidade do cotidiano».

Na mesma medida, mas com o manuseio de palavras, Daniele Stillitan, estudante de Biologia no Brasil, traduz sua indignação com a condenação de muitos à miséria pelo sistema.

Ainda entre as estréias, destaque para a prosa de Patricia Pípero e a poesia de Lívia Anselmo. A primeira se prepara para a advogar e a outra cursa Fisioterapia. Em ambas as autoras, uma facilidade em decantar as letras para contar suas histórias. Somam-se aos estreantes, velhos amigos de nossa caminhada e suas novas versões para documentar um mesmo existir. Boa leitura!!

Silvio Campana

Ministério da **Cultura**



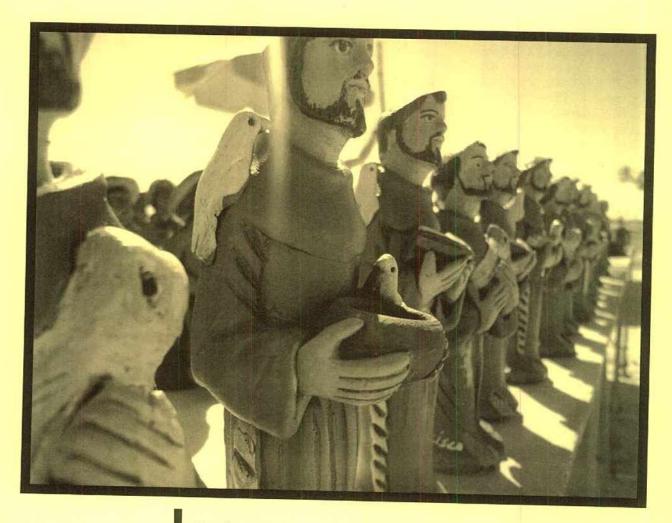






of hos





todos os santos

Fotografia de **Eliandro Avancini**, professor da rede pública de educação, em Foz do Iguaçu, Pr.

um conto de daryanne cintra

A caixinha de cores e sonhos

Ela tinha sonhos... Muitos. Aliás, os sonhos faziam parte dela. Sonhos normais, sonhos virados, sonhos reais, sonhos impossíveis. Algo que existia precisava ser exposto, posto, colocado, expulsado de dentro para fora. Sentimento tão sublime, leve, e ao mesmo tempo pesado, necessitado.

Tudo começou quando ela tinha 22 anos, prestes a completar 23. Uma jovem adulta, com espírito de criança e uma braveza de mulher. Tantas coisas aconteciam nesta época, que uma mistura de sensações e perturbações tornavam-se cada vez maiores. Mas, espera um pouco... Será possível viver a crise da adolescência em plena fase 'quase' adulta?

A inversão de épocas e realidade aconteceu. E para sair de tudo isso, com firmeza e decisão, muito samba foi preciso. Num sábado, que era para ser um sábado 'qualquer', ela comprou tintas de acrílico coloridas, pinceis e duas caixinhas de madeira. Sua ideia não estava ainda bem clara, mas, estava certa de que o momento era de se expressar.

Pegou a sacola, e subiu a Avenida ruma à sua casa. Só não cantarolou porque havia muitas pessoas ao redor. Coisa que se arrependeu depois... Afinal, que mal existe em cantar? Pois bem, chegou em casa. Largou suas compras e pensou, onde iria começar a pintar.

A casa era apertadinha. Um quarto, sala, banheiro e cozinha. Mas logo achou o seu espaço. Sobre a mesa redonda da sala, colocou suas compras. Começou a abrir as sacolas e a pensar no que faria. A vontade de se ocupar com boas sensações era tanta, que ela não conteve a cantoria. Em voz alta, e sem medo de ser vista foi se soltando.

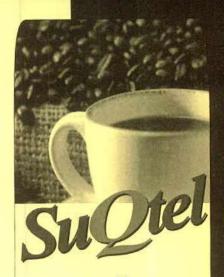
Cantou, sorriu, imaginou e começou a criar. A primeira caixinha foi tomando formas, contornos e cores. Rabiscos, traços e desenhos sem fim, apenas com o começo. A ideia dela era justamente essa. A de tornar o momento apenas único para ela e sua caixinha.

Pinta daqui, pinta dali, pinta acolá. Passou-se as horas, os minutos, o sol foi se pondo. O tempo voou, o espírito cresceu, a noite chegou. Quando se deu por conta as estrelas já compunham o céu, e então resolveu parar. Parou, observou por alguns instantes a caixinha e viu que nela estava um pouco daquilo tudo que há tempos havia guardado em si.

Foi como o mundo estivesse ali, desenhado em várias cores. Sim, o mundo dela, os pensamentos dela, os sonhos dela... Tudo numa caixinha só. No dia seguinte, ela voltou a pintar. Pegou a segunda caixinha e tudo começou de novo. No espírito a vontade de expressão, na alma o sentimento de mudança... E no sorriso a recompensa de descobrir e se encantar por algo que realmente a fizera bem!



Daryanne Cintra, estudante de jornalismo em Foz do Iguaçu, Pr.



café chocolate quente sucos naturais e de polpas

doces & salgados pastéis especiais lanches refeições rápidas

Das 7h15 até 18h30



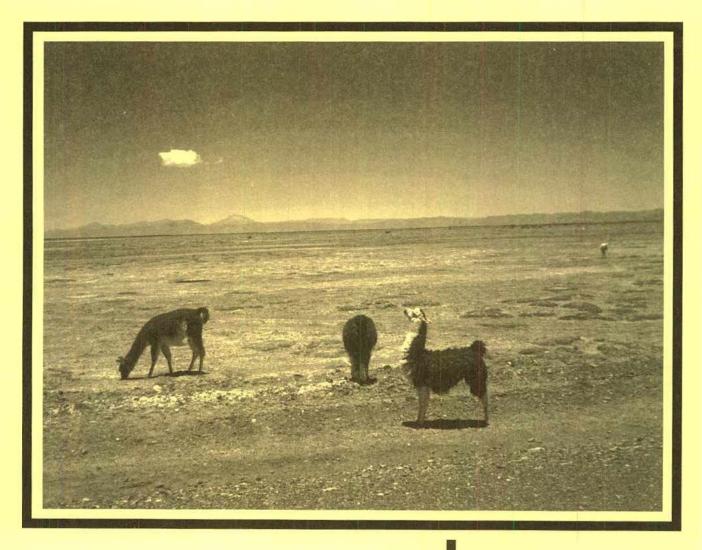
EM FOZ DO IGUAÇU: Rua Quintino Bocaiúva, 653 Telefone: (45) 3572.5272

Rua Xavier da Silva, 649 Telefone: (45) 3523.9101

JOINVILLE - SC Rua XV de Novembro, 640 Telefone: (47) 3433.4650

BLUMENAU - SC Rua XV de Novembro, 1422 Telefone: (47) 3336.0975

um ensaio de denise paro



Ihamas

Fotografia de Denise Paro, retratando a paisagem andina.

Você já descobriu

Se existe um território ainda por ser descoberto, o nome dele é América Latina. Continente formado por 20 países e repleto de tesouros naturais, culturais e humano, a América parece não ter sido apropriada pelo seu povo.

Palco de conquistas, injustiças, exploração e de uma abundância de ouro e prata que ergueram a Europa e massagearam o ego de poderosos, a América Latina é muito mais que uma fonte de matéria-prima ou um tubo de ensaio para políticas falidas.

Com riquezas e características singulares, o continente se impõe pelas paisagens e pelo legado artístico-cultural, nem sempre valorizado e conhecido pelos próprios latinos.

Desvendar a verdadeira América é povoar a imaginação ao ouvir a canção Carnavalito, da Quebrada de Humahuaca, um lugar de beleza radical, no Norte da Argentina, cujas montanhas são tão altas que parecem tocar as estrelas. É perder de vista o horizonte nas Salinas Grandes, ali do lado, e dar de cara com uma lhama nos morros gigantes e cinematográficos de Salta.

Sentir a América é jogar-se no mar da caliente Cartagena das Índias, na Colômbia, e contemplar o fascinante centro histórico da cidade contagiada pela aura do escritor Gabriel Garcia Marquez e pelas obras do gênio das formas, Fernando Botero. É dançar rumba nos bares seculares e fazer um tour em uma Chiva. É caminhar pela Peatonal de Bogotá onde a noite parece não ter hora para acabar.

Entender a América é ler as páginas preenchidas pelo literato paraguaio Augusto Roas Bastos e contemplar as ladeiras e construções históricas de Assunção, onde o passado faz uma ponte com o presente. É tomar tereré nas ruas de Ciudad Del Este e perceber a musicalidade do idioma guarani.

Surpreender-se com a latino-américa é caminhar pelas ramblas de Montevidéu e deixar o vento sul levantar os cabelos em Punta Del Este. É ouvir uma ópera no Teatro Solis e ver o inesquecível pôr do sol na Colônia Sacramento, às margens do Rio da Prata.

Conhecer a América é deparar-se com a criatividade dos repentistas nordestinos e surpreender-se com o mar azul do litoral. É visitar Salvador e deparar-se com os primórdios do Brasil.

Evocê, já descobriu a América?

Denise Paro é jornalista e professora universitária em Foz do Iguaçu, Pr. Um dos seus hobbies é descobrir a América. Neste ensaio, de texto e fotografia, deixa a impressão de alguns lugares por onde já passou.

a América?

H2FOZ

O portal das Cataratas



WWW.H2FOZ.COM.BR



serigrafia e arte final

Criação, arte final e estamparia de camisetas. Brindes personalizados.

Fones: (45) 9936.1269 9936.1394 / 9108.9781

jaquelinemiskalo@hotmail.com Rua Javari, 813, Conjunto Libra IV Foz do Iguaçu, Pr.





amanhecer

Desenho de **Jéssica Lima Bonfim**, estudante de História, e **Angel Cristhofer Prada Silva**, estudante de Saúde Coletiva, na Unila, em Foz do Iguaçu, Pr.

10 escrita

bocarsia mebique de la composição de la

de daniele stillita

Miradas de hielo

Lentamente se mueren, en la calle indecentes!

Escoria humana dice el diario

El hambre los baña, los llena por dentro el frío los hiela, congela sus sueños Miradas de hielo quemadas a fuego por pasados eternos de sufrimiento Pisoteadas y marginadas fueron sus vidas y..lo siguen siendo Nosotros ¿dónde estamos? ¿qué estamos haciendo?

Papeles sociales en el presente
presenta la gente, seres sobrevivientes
Algunos sobreviven en el eterno presente
otros viven a costa de los que mueren
Es el sistema quien no nace ni muere
Es el sistema quien mata



Daniele Stillitani, uruguaio, é estudante de Ciências Biológicas na Unila, em Foz do Iguaçu, Pr.



lalan bessoni

ILUSTRAÇÃO & DESIGN GRÁFICO

www.flickr.com/lalanbessoni lalanbessoni@gmail.com

Lavanderia Foster

Sua roupa tratada com carinho!

Lava-se por peso ou por peça

Telefones:

(45) 3525.8993 e 9103.2556

ENTREGA A DOMICÍLIO

E-mail: marely.foster@uol.com.br

Rua Ipanema, 366 Conjunto Libra Foz do Iguaçu, Pr







música

Fotografia de Áurea Cunha, fotojornalista em Foz do Iguaçu, Pr.

livia

Pirraça

Você vai

você vai

você vai

você vai

você vai

digo, grito, insisto, berro, persisto.

Silêncio.

Foi.

Ufa!

Mas vem, sempre vem

(eu não resisto)

e faz barulho em mim.

Revolução!

Amor pirracento

não se desfaz

nem com o tempo.

Pirraça do tempo só não passa esse amor, de pensamento. Coração Limpo

Pés gelados e cansados. Pés sujos juntos formam um coração.

Coração sujo.

Corações cansados juntos dão-se as mãos.

Línguas afinadas

Há pouca madrugada quando a palavra torna-se amada.



Lívia Anselmo é estudante de Fisioterapia em Foz do Iguaçu, Pr.

Mas quero que você leia!

uma crônica de maria fiorato

Ensaios de fuga

Ele fugiu de casa...
Ele fugiu de casa aos 80 anos de idade...
Não são todos que realizam os velhos sonhos de infância!

Mario Quintana

Tenho um desejo de fugir desde sempre, dos tempos de criança ainda, de quando já me fogem os contornos exatos dos motivos. Talvez só o desejo de correr com o vento batendo na cara, ganhar o mundo.

Lembro de uma época em que fugia para alcançar um pequeno riozinho que passava numa chácara a uns quinhentos metros de minha casa, rua abaixo. Ia como o vento, os pés tocando de leve o chão, a velocidade aumentando a cada toque. Um monte de crianças iam na mesma sintonia, rindo alto do pequeno vôo, experimentando o peito acelerado de tudo: desafio da fuga, expectativa do rio gelado, o gosto bom do vento e da transgressão.

Às vezes, pensava em fugir com o circo, que repetidas vezes se instalava na cidade naqueles tempos. Sempre ouvia, dos mais velhos, histórias de moços e moças que tinham fugido com o circo. Então, com alguns amigos, pois nunca fugia só, espiava o entorno tentando adivinhar como seria viver ali. Às vezes, todos os envolvidos tinham um motivo para a fuga, outras vezes só um tinha e os outros se envolviam por solidariedade ao motivo do outro.

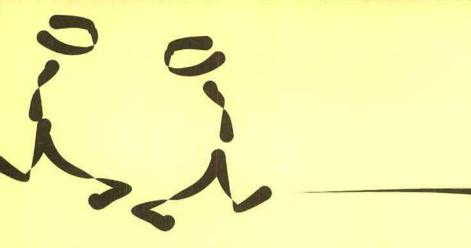
Um pouco mais tarde, no início da adolescência, por muitas vezes, preparava uma pequena trouxa de suprimentos, atava à garupa da bicicleta e saia por alguma estrada da redondeza. Depois de um tempo batendo em retirada, parava para refletir: se voltasse então, chegaria em casa no limite do tempo estabelecido para voltar das brincadeiras, antes de escurecer, antes do jantar, sem nem

despertar suspeitas de ter fugido. Se prosseguisse, dentro em pouco perceberiam o atraso, começariam a se perguntar o que teria acontecido, primeiro minha mãe entre brava e preocupada, depois o desespero tomaria conta de todos, meu pai, meus avós. Essa idéia, que não podia suportar, mais o medo do desabrigo, me faziam voltar. Desses ensaios, ficava sempre o gosto amargo da frustração. Eram protestos impotentes que sabia não dar em nada. Careciam de um objetivo claro, como era alcançar o rio tempos atrás. O que queria alcançar nessas alturas? Um lugar onde fossemos levados mais a sério? Esse lugar não estava em lugar nenhum que se pudesse alcançar de bicicleta...

Meu pai fugiu uma vez, quando tinha 15 anos. Uma fuga de verdade, planejada. Saiu à pé do sítio onde morava, a uns oito quilômetros. Caminhou até a cidade e pegou o trem para Rancharia, onde pretendia arranjar trabalho na colheita de algodão para sobreviver, já tinha tudo planejado, se informou antes. Na pressa de se distanciar de casa, pegou o primeiro trem que passou, que o levaria até o meio do caminho, onde teria que esperar outro trem para o destino final. Meu avô descobriu o plano, pegou um carro de aluguel, como chamavam então, e chegou ao destino da fuga antes dele, esperando-o na estação.

Negociaram a volta, meu pai colocou condições e meu avô, pela primeira vez, parou para ouví-lo, levou-o a sério. Mais uma das histórias que me faz admirar meu pai.





E também o meu avô, capaz de ouvir as reinvindicações de um garoto de quinze anos e respeitá-las.

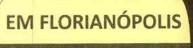
Pouco mais tarde, aos dezoito anos, quando foi à Itália convocado como expedicionário na 2ª Guerra, me pergunto se, de início, não encarou a situação mais como oportunidade de fugir de um cotidiano sem graça do que com o peso que a situação realmente tinha. De lá, falava sobretudo dos inúmeros lugares por onde passou. Em cada um, tantas histórias. Observava tudo e com tudo se impressionava, tudo sua memória registrava com a mesma precisão e desvelo: velhinhos pescando camarões num porto ou as estátuas humanas resultantes da erupção do Vesúvio; a necessidade, imposta pela guerra, de guardar o pó do café para coar duas vezes ou os canais de Veneza; homens mais velhos fazendo tricô ao sol ou a chegada da neve, nova para ele. Também falava das experiências traumáticas, que o marcaram profundamente, mas de tudo parece ter ficado mais forte a possibilidade de ver mais.

Tem também a fuga que povoa os sonhos, mais próxima daquela primeira experiência da infância. Sempre objetiva, alguém me persegue, uma sensação de perigo coloca os sentidos alertas e é preciso ter tudo sob controle, planejar para agir, ser precisa para sobreviver. Não sinto medo, mas a gostosa sensação de excitação do jogo de pega-pega. Corro e o fôlego não me falta, escalo paredes impossíveis, armo pistas falsas, arranjo esconderijos inacessíveis. E acordo na frustração de constatar que era sonho.

Mas, ao começar esse texto, com meus dedos descoordenados, lá na primeira linha escrevi "figir" ao invés de fugir e não pude fugir ao pensamento: às vezes, fingir parece com fugir. Ato falho? E hoje seria meio ridículo fugir, afinal, moro só com meu filho e os filhos não nos impõem aquelas restrições de pais ou cônjuges. Acho que já deixei passar os bons motivos para uma fuga de verdade. Tarde demais, vou ficando só com as fugas interiores. Mas me faz falta ter experimentado essa sensação de desabrigo, de saber, por escolha minha, ter o destino nas mãos.



- Maria Fiorato é historiadora em Londrina, Pr.



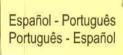
HOSTEL ENERGIA

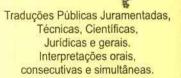
Fone para reservas: (048) 3209-2209

Avenida das Rendeiras 1118
Florianópolis, SC

Talavera

TRADUÇOES JURAMENTADAS





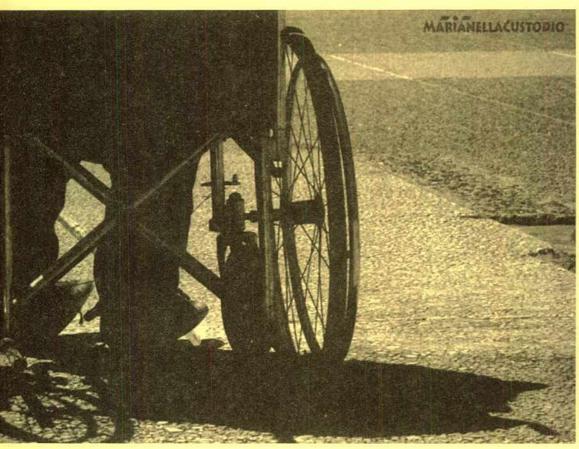
ISEL TALAVERA

Tradutora Pública Juramentada e Intérprete (Matricula 12/089T)

Tel: (45) 3524.2442 Cel: (45) 910660423 / 99828575

Av. Paraná, 6018, Jardim Laranjeiras Foz do Iguaçu, Pr.

MARGIN

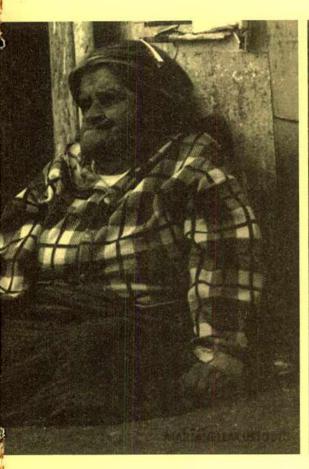




Marianella Custodio, uruguaia, é estudante de Ciências da Comunicação na capital do Uruguai. Também responde pela área de Comunicação da AUGM - Associação de Universidades Grupo Montevidéu. olhos

AIIDAID

marianella custodio



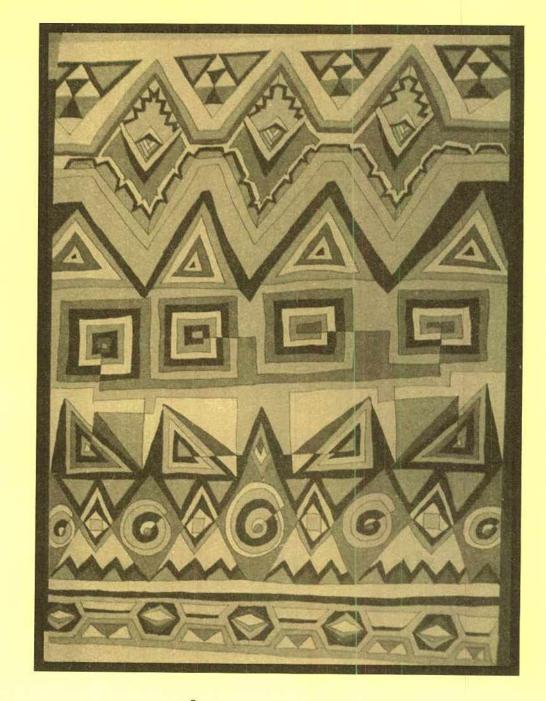


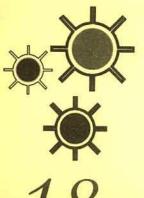
Em 2008, correndo o centro de Montevidéu, capital do Uruguai, **Marianella Custodio** compôs o ensaio **Marginalidad**, retratando experiências de seres humanos que vivem à margem do eixo utilitário da sociedade contemporânea.

- «Marginalidad II» Homem que trabalha como cuidador de carros na Praça Independência, enfrenta as dificuldades para transitar na área com sua cadeira de rodas.
- «Marginalidad I» Mulher pedindo dinheiro numa avenida central, excluída da sociedade por não ter pernas e não estar inserida no mundo laboral.
- «Marginalidad III» Lourdes, mulher excluída socialmente por padecer de esquizofrenia, vivendo nas ruas do centro da cidade.



उप्रा





terça-feira anaranjada

Desenho (original em cores) de **Giane Lessa**, professora universitária em Foz do Iguaçu, Pr.

Alejandra Otero Espina

TORMENTA

Transcurrimos como el agua, de la tierra nace, en la tierra muere. Gotas de agua que resbalan, caen, mojan y a veces molestan.

Entre estas gotas surgen cosas, se odian, engañan, humillan pero también se aman. Quieren tanto la vida que juntas logran hacer tormentas Tormentas tan invencibles que ni el propio infierno las puede parar. Aman con locura, se juntan en la locura, luchan dentro de la locura.

Tales tormentas son el significado de la resistencia, en el que gotitas nuevas y viejas juntas mojan una ciudad completa.



Alejandra Otero Espina, uruguaia, é estudante de Ciências Políticas na UNILA, em Foz do Iguaçu, Pr.

Vista esta camisa!



camisetas poéticas da quatá

Pedidos pelo email: quata@quata.com.br



olhos



panorama

Fotografia de Gimena Machado, uruguaia, é estudante de Ciências Políticas e Sociologia na Unila, em Foz do Iguaçu, Pr.

20 escrita



uma crônica de izabel campana

Letra escarlate

No final de junho, em meio à onda de protestos, a Polícia Civil do Rio de Janeiro entrou na casa de um suspeito de vandalismo à busca de provas contra o sujeito. Na casa, encontrou uma série de armas brancas, como facas, soco inglês e até um nunchaku. Provas suficientes de que o suspeito teria os meios para causar estrago. Mas não parou por aí. A polícia do Rio apreendeu também um livro.

Não tenho notícia de qualquer dano ao patrimônio público causado por um livro. Ainda mais uma brochura! A própria polícia tratou logo de explicar. O livro do meliante foi apreendido "para demonstrar a ideologia dele frente à nação brasileira, de defesa da anarquia", declarou o delegado Mario Andrade, responsável pelo caso.

O livro era Mate-me por favor, dos norte-americanos Legs McNeil e Gillian McCain. Editado no Brasil pela L&PM, conta a história do movimento punk por entrevistas com artistas do estilo. Não é um manual sobre a fabricação de bombas, nem mesmo um manifesto anarquista.

Mate-me por favor traz depoimento dos Ramones, de Patti Smith, David Bowie e outros músicos sobre o movimento punk e a formação das primeiras bandas do gênero. Os autores não entrevistaram Bakunin ou Proudhon e não há nada que incite a violência ou a derrubada do Estado no livro.

E se houvesse? Pode alguém, numa democracia, ter os livros de sua prateleira usados como prova contra si? O que quer que eu leia me define como anarquista, comunista, terrorista, existencialista, alquimista,

sadomasoquista? Se a sua resposta é sim, livre-se de seu exemplar de Cinquenta Tons de Cinza rápido, antes que a última suspeita recaia sobre a sua pessoa.

De minha parte, espero que consiga queimar meus livros antes que a patrulha chegue à casa. Imagine a conclusão a que o delegado Andrade chegaria ao descobrir o que tenho aqui.

Uma prateleira repleta de obras de Marx, Lenin e companhia só poderia me incriminar. São prova inquestionável de minha ideologia frente à nação brasileira.

Diante dessa literatura subversiva, é provável que concluísse que eu, além de claramente planejar uma revolução socialista, quero transformar o Brasil em uma sociedade anárquica onde todos leem poesia e idolatram Fernando Pessoa.

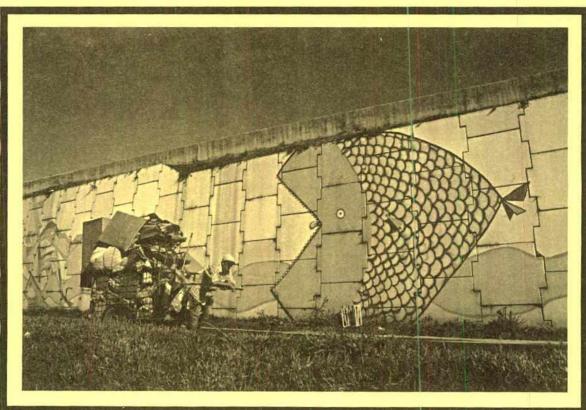
Nessa comunidade, todo mundo seria homossexual, concluiria o delegado. Por que mais alguém teria quatro exemplares das obras completas do Oscar Wilde? Talvez decidisse, ainda, que planejo atos terroristas pelo mundo, tendo em vista a quantidade absurda de guias turísticos e dicionários variados.

Espero conseguir me desfazer dessas obras subversivas todas antes que a polícia venha. Mas, primeiro, vou queimar outros tantos, objeto de vergonha. Tenho aqui um guia de signos, por exemplo, presente que ganhei de amigo secreto. Em uma batida, corro o risco de que pensem que acredito nisso. Afinal, está aqui em minha prateleira como uma letra escarlate. A prova inconteste.



1

6



no viaduto

Registro de Marcos Labanca, fotógrafo em Foz do Iguaçu, Pr.

Sociedade ascensorista

Eu trabalho. Eu guardo minhas economias. Eu consumo, mais do que o normal, devo admitir. Mas como eu disse, eu trabalho e ganho meu próprio dinheiro. Não é muito, claro, mas também não é pouco. Eu vivo bem. Bem o suficiente. Diferente de muitas pessoas no mundo. Mas claro que ainda assim, não vivo tão bem como alguns poucos espalhados por aí. Eu me sustento, basicamente. Trabalho em média 40 horas semanal. Trabalho em uma empresa onde há grandes nomes, conhecidos por o todo o Brasil. Esse grandes nomes se encaixam nos tipos de pessoas que comentei anteriormente: que vivem muito bem. O edifício onde trabalho possui 12 andares. Neste ambiente é possível visualizar todos os níveis sociais. Desde faxineiros, até empresários de grande porte. Certo dia, o ascensor destinado aos empregados estragou e eles tiveram que utilizar o ascensor comum. Percebi que, ironicamente, o principal local de trabalho de um empresário se encontra no 12° andar, enquanto de um faxineiro, no subsolo. Talvez não seja nada relevante, mas isso me fez pensar no grande mal que aflige a sociedade: a desigualdade.

Não há duvidas que o mundo capitalista destruiu a igualdade e os direitos das pessoas. Enquanto a utopia percorre a cabeça de alguns idealistas, outros se entregam a alienação e ao desgaste social por meio do consumo, do preconceito, da ignorância e despreocupação com o próximo. Comparei o fato ocorrido com o das pessoas que passam fome enquanto alguns outros gastam tudo que possuem com consumismo fútil. Percebi que a divisão da sociedade tornou o mundo e as pessoas egoístas e pretensiosas. Um mundo onde muitos possuem pouco e poucos possuem muito. Entendi que o real significado de ser democrático não vem sendo aplicado. E que, ao invés de colocar o objeto em primeiro lugar, deveríamos colocar a nós seres humanos neste posto. Obriguei-me a crer que, talvez este mundo capitalista, necessite da metade das ideias socialistas um dia pensadas. Abri meus olhos e enxerguei vida se acabando ao meu redor. Tornei-me menos egoísta.

Afirmo em antemão que, mudei meus pensamentos em 12 andares consecutivos. O que antes era ignorância luziu em minha mente e me Fez entender o quanto alienada estivera todo esse tempo. Adentrei o ascensor com sementes de uma rosa em minha mão direita, e digo, sem mais delongas, que dele saí portando o regador na mão esquerda. Afirmo, pois que: sem um, o outro não poderia florescer.



(*) Equipe 2: Brenda Caroline, Bruno Nonato, Deborah Nardi, Lucas Branco, Willian Benoski. Todos são estudantes do ensino médio em Foz do Iguaçu e participaram de uma oficina sobre ler e pensar, onde grupos coordenados por Liege Schmitt, professora de Filosofia, discutiram a sociedade dividida em classes.

Caixinha de Música

altam 30 minutos para pegar meu filho na escola, mas lembrei de um livro, um Atlas Animal cheio de adesivos que gostaria muito de trazer para a casa, e repartir com ele.

"Vamos Patrícia, vamos, dará tempo!"
- acelero o passo.

Me direciono às prateleiras de livros e instantaneamente meus olhos tocam cada página com encantamento.

Um gostoso sabor de infância invade meu consciente.

Castelo, carrossel, neve caindo, gatinho lambendo a pata, estrelas, planetas, ursinhos, abraços, xixi, porque o céu é azul?! Tudo se mistura comigo.

Naquelas páginas estão muitos sonhos de criança. Esta eu mesma da forma que sonhava quando pequena.

Me recordo que punha um livro, um folheto de mercado ou um catálogo no colo e apontando o dedinho, murmurava: "este, este, este..."

Eu queria tudo e nada ao mesmo tempo. Degusto o vinho seco da saudade e me imagino pulando corda, saltitando sobre as nuvens, mergulhando numa piscina de moedinhas.

À medida que submerjo às imagens e palavras, minha memória vai me presenteando com tesouros até estão escondidos pelos dias.

Começo a pegar os papéis de carta no baú da memória e abri-los, extasiada.

Estou surpresa, estou tão viva! Perplexa. Perdida em mim. Maravilhada.

"Hmmm. Aquele cheirinho de morango." – sinto ao meter as narinas entre as folhas coloridas.

"Nem sei mais o que eu realmente quero aqui neste lugar." – penso.

Não vim mais buscar algo para o meu filho. Não quero mais nada, não no agora porque agora sou a criança que devora os livros.

Só quero me deter em abocanhálos.

Sinto vontade de sentar no chão bruto e cruzar as pernas, entrar num outro mundo. Mas meu ego me puxa de volta.

Apesar do movimento da loja, me instalo no corredor das emoções e ali fico sendo invadida pelo passado.

Éramos 3 filhos. Somos. Mamãe, professora, comprara uma coleção chamada o Mundo da Criança.

Lembro bem da gente grudado nela, sufocando-a com olhos estalados de curiosidade e ela nos folheando histórias sem fim... Noite após noite. Apontava e dizia:

"Cabelo, cabeça, boca...",

"Cachorro, camaleão, giz...",

"Brasil, oceano, céu, Paris..."

"Amor, Sol, carinho, papai."

A partir dali nosso mundo foi pintado de cores infinitas: quando mamãe nos trazia para si repartindo conosco coisas da vida.

Respiro fundo, para tomar um gole de ar e nisso dou uns passos à minha direita, com os livros na mente.

"Alice, acorde!" – me belisco e percebo que estava viajando tirando coelhos da cartola.

De repente, paraliso.

Meus olhos acendem e logo lacrimejam ao ver aquela pequenina e chamativa caixa de música.

Aconchego os livros ao meu lado e com as mãos de uma menina seduzida, pego a diminuta caixa metalizada, com desenhos de sapatilhas de bailarina.

Tão doce quanto às nuances do seu embrulho rosa bebê e verde-lima, são os filmes que passam a pulsar em minhas veias finas.

Quedo muda, apaixonada, atraída.

"Nossa! Papai me deu uma dessas!"

Aproximo-me dela e a dedilho com a ponta dos dedos. Aliso seus cantos e bordas, reparo nas flores e laços, há também um cheiro adocicado de caramelo ou baunilha.

"Eu tive um sonho, quando muito pequena, de ser uma grande bailarina".—me pego murmurando.

Sei que o melhor de tudo está ali dentro da caixinha e bem de longe, lá do fundo de mim, vem sendo trazidas notas de uma canção antiga.

Abro-a.

Devagar porque não quero esquecer este momento que para mim é como se fosse o primeiro. Bato as asas e voo alto, dando rasantes sobre os idos de 83.

Meus polegares empurram a tampa para cima e me é revelado um veludo róseo, delicado.

A tampa esconde um espelho que olha para mim sem medos e uma bonequinha loura, com coque, braços docemente esticados, uma saia rodada de renda, uma perna dobrada encostada no joelho esquerdo. Sua face revela estar tomada por aquela música que me ninava.

Com o soar de poucas notas ela roda na Valsa das Flores. Roda, roda e roda.

Num eleve suave eu giro com ela, calçada com minhas sapatilhas imaginárias dos tempos de outrora, sonhando acordada.

"Céus! São 18 horas!" - verifico no celular.

Com a mesma pressa que cheguei a devolvo ao seu nicho, me olvido dos livros, rio timidamente para o caixa e vou-me embora.

Enfio as lembranças na bolsa, racionalizo e sigo para pegar meu filho no colo neste final de dia, meter-lhe um beijo carinhoso na fronte e nas bochechas rosadas.

"Temos tempo Patrícia, é sexta-feira!" - paro o carro.

Quando chego à porta da sala da escola, ele me avista e abre o sorriso mais lindo. Corremos para o parque de mãos enlaçadas.

O Sol o ilumina em meio à grama verdinha e me sento num banco. Fico a observá-lo, girando na rodinha com os amigos.

"Ai que delícia!"

Novamente meus olhos saudosos lacrimejam e navego ao vê-lo brindar a vida, sinto então uma vontade apertada de vestir-me de bailarina.

Sorrindo de longe, aceno levemente e abro a caixinha.



Patricia Pipero é estudante de Direito em Foz do Iguaçu, Pr.



Fone: (45) 3025.2353

espacoyogaevida@hotmail.com

Av. Paraná, na sede da ASSEMI (Associação dos Empregados da Itaipu Foz do Iguaçu, Pr.

Áurea Cunha fotografias



Retratos Reportagens Publicidade Filmagens Tratamento e edição de imagens digitais

Tel: (45) 9977.4490 aureamcunha@yahoo.com.br

Não adianta o tempo passa a vida anda e a menina dança

E eu aqui a pensar no que éramos e no que viramos. No inteiro e nas metades

Penso em outro mas por ti choro Por que, assim comigo agir? Queres me destruir?

Vêm e me falam que contigo falaram e por mim só passaram desculpas suas, seriam apenas mentiras e falcatruas?

Isso machuca, mas você percebe? Isso fere, mas você liga?

Isso migra da mente ao coração queima rins e pulmão

Não entendo nada queria ter uma fada pra te ter comigo muito mais que um amigo.

BÁRBARA RAMIREZ BARUA

Vai na fé

Vai na Fé que nóis anda no rumo pra mudá essa zoação que o rap tá.

Vai na fé, irmão se o rap não fosse bom, eu não ia te chamar Para escutar.

> Deixa de cantar Prepara e grita: Vaii na fééé.

Junto com o Bboy e o Dj você é o novo membro do rap paranaense.

Se você tá se achando mal imagina aquele que tá sendo rejeitado por 90% da população.

> Por isso eu te falo Vai na fé!

ALEXANDRE BOGLER

Arte sufocada

Ela é propriamente uma arte Arte de sí mesma Criatura da própria mente.

Guarda em sí o resultado da morte de alguém que ainda não matou

Arte sufocada Em suas próprias emboscadas Arte que apenas quer ser Resguardada e admirada

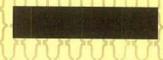
Arte. Arte, a boa e e velha arte A nova arte translaçada em um Encaixe, cerrada e posta à mostra

Mas quem um dia pára
Para simplesmente adorá-la
E entende-la?
O por que de ser
uma arte tão serena
Sem criticar nem por à prova
seu dilema
Entenderá qual o real sentido
dessa arte escondida
Mas cheia de espírito



ADRIANA BIBERG





Alexandre Bogler é estudante do ensino médio e técnico de som.

Adriana Biberg e Bárbara Ramirez Barua são estudantes do ensino médio.

Lisete Barbosa é estudante de Ciências Econômicas, na UNILA.

Todos vivem em Foz do Iguaçu, Pr.

de boesia

Um amanhecer, uma filha dos mortos...

E nem uma ideia
Somente convulsões
Uma louca mistura de idéias
Pode ser brando,
talvez como um sereno da madrugada
Que cai, cai e cai!
Devagar como um sussurrar ao ouvido
Como uma onda de arrepio provocada
Por um beijo ao pé do ouvido
Outras como, turbilhões de tempestades

Um pouco de mim morre esta noite Num vil golpe, onde as guerras são constantes Minhas lágrimas nesta noite Não pelas minhas penas Mas sim pelas noites que me faltou De um dia da infância Que me foi poupado, por meu pai Que filho de índio do Rio Grande do Sul Poupado do triste fim dos indígenas da América Latina Do dizimado povo que é alma de tudo Conta-me meu pai de sangue No sangue que corre nas minhas veias indígenas Outra vez uma historia de heróis Onde tudo era lindo Onde tudo era bonito Onde a vida valia a pena

Onde o sonho era possível Onde o ser original era o padrão Onde a linguagem era menos complicada

Onde a comunicação era tão nítida Quanto o mar de Cuba Onde ainda não tive o extremo orgulho de conhecer Uma tribo que eras tu!

Sei que é possível
Um mundo que se sonha
Uma forma de organizar as coisas
Seja possível
Onde uma economia
Seja aplicável
Sem contradições!
Sem concorrências!
Onde um sonho
Seja possível
No entanto, tudo é tão contraditório.
Apesar de tudo eu acredito!



LISETE BARBOSA



CULTURA - GASTRONOMIA - LAZER

Cinemas

Restaurante Pizzaria Bomboniére

Apresentações Musicais
Ao Vivo

Cafeteria

Salas de Teatro e Eventos Escola de Atores

10 Pistas de Boliche

Jogos Eletrônicos Loja de Diversões Rpg Baby Park Gratuito Pet Shop e Muito Mais.

Estacionamento coberto e gratuito

Aberto, diariamente, a partir das 15 horas

Avenida das Cataratas, 1118 Vila Yolanda - Fone: (45) 3523 4245 Foz do Iguaçu - Paraná

www.iguassuboulevard.com.br

MÍNIMAINCOERENTE

viveucomobravioafluente pramorrernumriodormente

Carlos Luz

PANFLETO DA RUA

O fato é que como pouco,
Porque comer custa dinheiro
O fato é que ando na sola
Porque a passagem custa dinheiro
O fato é que to procurando emprego
Mas sem comer
e sem passagem não chego lá
O fato é que to sendo culpado
Desse "azar" que a vida me dá

To falando do óbvio que é pra você To falando do ódio que é pra mim To falando pra você que o mundo está assim.

Agora diga até quando Agora diga se acaba Agora volte na próxima Se não a vida me escapa.

Mirian Mayumi



Amanda Andreacci é estudante do ensino médio, Carlos Luz é jornalista e poeta, Mirian Mayumi Takahashi é pedagoga, Rogério Silva é artista plástico. Todos vivem em Foz do Iguaçu, Pr.







HERÓIS:
A TRAJETÓRIA
DO HOMEM INVISÍVEL

Fotografias manipuladas por **Rogério Silva**

MASSA CRANIANA

Cabeça longínqua Cabeça pesada Quais são as tantas cabeças que carrego nesse espaço?

Cabeca lunar, aquário, quente Flas existem ou estão em minha mente Cabeça escura Com mistério a ser revelado Essa cabeça está ao meu lado Cabeça... Estranha Normal Louca Bipolar. Extremamente qualquer coisa Qualquer cabeça, que seja, Qualquer cabeça E uma cabeça qualquer Mas... Única.

Amanda Andreacci

MÍNIMAHABITUAL

ovelhocostume levaaocortume

Carlos Luz



Folls Pork

Mudas frutíferas e ornamentais

Fones: (45) 3573.1044 e 9124.6802

Rua Itapemirim, 101 Beverly Falls Park Foz do Iguaçu - Pr.



Fone: (45) 3523.5886

e-mail: sigilus@foznet.com.br Rua Rui Barbosa, 361, Centro Foz do Iguaçu, Paraná

Mariza Rios
Instituto de Beleza

Tratamento facial e corporal

> Marque sua hora: Fone:(45) 3572.6910 Cel: (45) 9967.0295 e 8422.5300

um toque Denise de Camargo

A asneira da "cura gay"

á 25 anos, quando a homossexualidade não era discutida abertamente como hoje, resolvi opinar sobre o assunto logo após um colega de trabalho declarar confidencialmente que era gay. Afirmei que ser gay era uma escolha pessoal. Ele ficou quieto por uns minutos e delicadamente respondeu que não tinha feito nenhuma escolha entre ser homo ou heterossexual. Não lembrava de ter feito escolha nenhuma. Até, porque, continuou, se pudesse escolher teria optado por uma orientação sexual que fosse mais aceita pelo seu pai e pelas pessoas do lugar onde vivia. E, ainda, que ser homossexual e ter assumido sua orientação tinha lhe causado muito sofrimento. Seria mais fácil viver se tivesse escolha Escolheria ser hetero e seria aceito pelo pai. Não precisaria mudar para longe da mãe, das irmãs e do irmão. Viveria com seu amor e andaria de mãos dadas com ele na sua cidade. Esse colega morreu logo depois dessa nossa conversa. Morreu de complicações causadas pelo vírus HIV. Morreu pedindo para que não declarássemos que era portador de HIV. Dizia que tinha lutado muito para ser um profissional respeitado e que não queria ser considerado cidadão de segunda categoria. Isso aconteceu há muitos anos. Hoje, conseguimos compreender que não se trata de escolha. A orientação e a identidade sexual estão inseridas na configuração da subjetividade, que é um processo complexo, singular e que compreende muitas dimensões. A orientação sexual faz parte da constituição dos sujeitos e a homossexualidade constitui uma das expressões dessa orientação sexual, assim como o são a heterossexualidade e a bissexualidade.

Desde 1990, depois de muita luta e sofrimento, a homossexualidade deixou de ser considerada doença pela Organização Mundial da Saúde – OMS. O Conselho Federal de Medicina retirou em 1985 a homossexualidade da condição de desvio sexual. E o Conselho Federal de Psicologia considerou em 1999 a realização de qualquer intervenção que vise "curar" ou "reverter" a homossexualidade contrária aos fundamentos éticos e científicos que devem guiar a prática dos psicólogos no País.

Os psicólogos compreenderam que o sofrimento psíquico é causado pelo preconceito e não pela orientação sexual que compõe sua identidade. E seria um disparate tratar ou curar identidade como desvio de comportamento. Isso porque é ela que define quem somos. É uma das dimensões da nossa humanidade.

Há um consenso nos órgãos mundiais dedicados à saúde e ao estudo da sexualidade humana de que a homossexualidade não é uma doença e, portanto, não pode ser "curada". E isso está além de qualquer fundamento ou interesse de caráter religioso, econômico, farmacológico, etc.

Portanto, é surpreendente que em 2013 um segmento social identificado com interesses religiosos venha defender a cura da homossexualidade com argumentos que ferem os direitos humanos.

Mais surpreendente ainda que no dia 18 de junho foi aprovado pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal, presidida pelo pastor evangélico e deputado federal Marco Feliciano, o Projeto de Decreto 234/2011, conhecido popularmente como "Cura Gay". Se aprovado no Congresso esse projeto obrigará os psicólogos a tratar o homossexualismo como se fosse doença, o que contraria a resolução do Conselho Federal de Psicologia e os conhecimentos científicos sobre orientação sexual aceitos hoje em dia no mundo civilizado. Seria um recuo ao breu da ignorância aceitar qualquer outra concepção que não seja esta do Conselho Federal de Psicologia, que é baseada na ciência e no respeito aos direitos humanos.



Denise de Camargo é psicóloga, doutora em Psicología Social e professora do Mestrado de Psicología da UTP, em Curitiba, Pr.

BACKUP INTELIGENTE

Ganhe espaço e qualidade de vida em seu trabalho e na sua casa

PDF com BUSCA por palavra-chave

www.grampocomunicacao.com.br

(45) 3028-5304







